

Diversão&Arte

Divulgação



Meu amigo Nietzsche, de Fauston Silva: carreira internacional

Diego Bresani/Divulgação



Rodas de gigantes, de Catarina Aciolly: participação em 89 festivais e mais de 30 prêmios

De Brasília para o mundo

Diretores brasileiros, que se destacaram internacionalmente a partir da Mostra Brasília de Cinema, falam sobre a importância do prêmio e sobre os problemas da produção

» MARIANA REGINATO

Com a exibição de *O agente secreto* na edição passada, homenagens a grandes artistas nacionais e seleção de filmes de todo o país, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro tem se mostrado cada vez mais como uma alavanca para filmes brasileiros, de todos os cantos do território. Com toda dificuldade de realização e o foco nos principais nomes da cena nacional, ainda existe espaço para o cinema da capital em seu próprio festival?

Essa responsabilidade de iluminar as produções brasileiras tem ficado quase exclusiva com a Mostra Brasília, já que a Mostra Competitiva Nacional trouxe apenas um filme do DF este ano. Catarina Accioly, diretora, conta que frequenta o festival desde antes da existência da Mostra Brasília. “Como na competitiva nacional são selecionados pouquíssimos filmes, é fundamental que tenhamos espaço para distribuir nossos projetos em nossa cidade. Imagina uma produção circular no mundo e não ser vista na cidade onde foi realizada e pelos profissionais que a fizeram. É importante que o público do DF se veja nas telas”, destaca.

Catarina apresentou *Rodas de Gigante*, projeto sobre a trajetória de Hugo Rodas, na Mostra Brasília e considera necessário que o público da capital assista em primeira mão. O prêmio de Melhor Filme, ao lado de Melhor direção e Melhor montagem, fez com que o filme se difundisse em outros festivais. “O prêmio de melhor filme garantiu que pudéssemos participar de 89 festivais e, hoje, termos mais de 30 prêmios, tendo passado em todos continentes. Sendo assim, para um filme de guerrilha como o *Rodas de Gigante*, um filme de guerrilha como o *Rodas de Gigante*, um filme de guerrilha como o *Rodas de Gigante*, um filme de guerrilha como o *Rodas de Gigante*, um filme de guerrilha como o *Rodas de Gigante*”, conta.

O diretor André Luiz Oliveira, realizador de *Meteorango Kid* — *Herói Intergalático* e *Mito e Música: a mensagem de Fernando Pessoa*, acredita que a Mostra Brasília sempre será positiva e que, fora o FAC, é uma das responsáveis pelo fomento dos filmes brasileiros. “É um dos poucos



Trailer do filme
Feito pipa



mecanismos de celebração, reconhecimento e visibilidade da pungente porém ainda pouco conhecida, atividade cinematográfica brasileira. Outro dia, por exemplo, conversando com o gerente de um banco, ele ficou pasmo quando falei que se produzia cinema em Brasília. Assim pensa a maioria das pessoas que ocupam os espaços públicos de decisões políticas e governamentais”, diz André.

O realizador já foi premiado com *Mito e Música: a mensagem de Fernando Pessoa*, e *Ziriguidum Brasília: arte e o sonho de Renato Matos* no festival. Para ele, o cinema brasileiro precisa de energia e de vontade política. “Precisa também de estratégias de reeducação do público que se afastou demais para ocupar o seu próprio mercado consumidor, e produzir a cultura de transformação que ele sabe produzir quando tem condições”, ressalta. *Mito e música: a mensagem de Fernando Pessoa* foi exibido em Portugal.

A Mostra Brasília também foi responsável por impulsionar cineastas iniciantes. Fauston da Silva exibiu o curta *Meu Amigo Nietzsche* no festival, o que foi a primeira porta aberta para o projeto. “Foi uma porta de entrada incrível. Acho que a mostra cumpre esse papel para muitos realizadores daqui. Muitas vezes, é a primeira oportunidade de ter o trabalho reconhecido, de ver o filme no Cine Brasília, com público, vivendo aquilo que é uma parte essencial do cinema: a experiência

coletiva. Para quem está começando, principalmente, ter essa primeira janela é fundamental. Comigo foi assim”, relata.

Após o Festival de Brasília, o projeto passou pela Espanha, por Cuba e pela França, no Festival Internacional de Curta-Metragem de Clermont-Ferrand. “Na exibição, numa sala com cerca de 1.400 pessoas, o público terminou de pé, aplaudindo e cantando. É uma daquelas experiências que ficam para sempre na memória de quem faz cinema”, conta. O festival francês tinha a política de não conceder dois prêmios ao mesmo filme, mas o projeto brasileiro saiu com melhor comédia e prêmio do público.

“Talvez uma das coisas mais bonitas seja perceber que essa trajetória não terminou no circuito de festivais. Até hoje *Meu Amigo Nietzsche* é muito exibido em escolas e universidades. É um filto presente no ambiente educacional brasileiro, inclusive em cursos de filosofia. Ele continua encontrando novos públicos muitos anos depois de ter sido realizado. E, quando olho para tudo isso, penso que essa trajetória começou ali, na Mostra Brasília”, reflete Fauston.

Renato Barbieri, que já foi premiado na mostra com *Cora Coralina - Todas as Vidas*, *Atlântico Negro na rota dos Orixás* e *Tesouro Natterer*, qualificado na categoria documentário para o Oscar, tem uma grande consideração pelo espaço. “A Mostra Brasília é uma janela de oportunidade de uma projeção no Cine Brasília, que as sessões de tarde são muito disputadas. A Câmara Distrital dá um voto de consideração ao cinema de Brasília que eu acho que deveria ser seguido pelo Governo do Distrito Federal”, comenta.

Após a premiação no Festival de Brasília com *Tesouro Natterer*, Renato pode trabalhar a trajetória do projeto. “Estamos trabalhando o filme em festivais internacionais. Nós ganhamos fôlego. E, agora, conseguimos, por conta desse esforço, a gente venceu o edital nacional do Ministério da Cultura e o filme foi contemplado na linha dois. Vai permitir o lançamento nacional digno do filme. Então, eu considero que o prêmio na Mostra ajudou muito o nosso filme a deslançar”, ressalta.

CRÍTICA // Todo o sentimento ★★★★★

Ser felizes juntos

“Eles roubaram o antes e o depois”: não é difícil, em meio ao retrato de uma distopia narrada pelo filme de Glenda Nicácio e Ary Rosa, que prega unificação de comportamentos, entender quem seriam eles. Na nova realidade, muitos se acomodam às barreiras impostas, e vivem sob perseguição intermitente e numa onda de tédio propiciada pela domesticação, com programas de tevê condenáveis como o da Tia Crentinha e do Tiozão. Acrescente-se a isso, Silas Macedo, um suposto evangelizador, num contexto de “humanos direitos”, retruque de “pederastia” e abolição de álcool, entorpecentes e livros condicionados ao atestado de carimbo do governo.

Dos ataques à democracia, no 8 de janeiro de Brasília (com imagens no filme), a trama passa para o morno 2027, com o ódio instituído roçando o cotidiano do

eremita Henrique (Aldri Anunciação) no desejado exílio em que não exerce mais a condição de cineasta. Vidas sob os reflexos intrusivos do Estado passam à ter a metade do potencial. A imobilidade de Henrique (cadeirante), na fazenda colonial Cachoeira, mudará, pela chegada do jovem Gustavo (Lucas Leto), enviado como novo empregado e repleto de admiração pelo patrão.

Entre a singeleza e o roteiro algo cru, Glenda e Ary, de filmes como *Café com canela* e *Ilha*, do qual *Todo o sentimento* deriva, quebram barreiras, no “mundo que dá voltas”, pela “defesa do tesão de viver”. Despudorado e de libertário, o filme traz bons momentos como o do ataque ao homofóbico e algumas sequências risíveis como a ameaça representada pela criança. Entre boa dose de humor, a cena das “sacanagens faladas” parece herdada de superado modelo de choque oitentista. (RD)



Divulgação

Finalista escolhido

Escolhido entre seis finalistas para concorrer à vaga no Oscar 2027, como representante do Brasil na categoria de melhor filme internacional, o longa *Feito pipa*, de Allan Deberton, tem estreia marcada para 5 de novembro. O longa, que trata reflexos do Alzheimer na trama apresentada por Gugu (Yuri Gomes), neto de Dilma (Teca Pereira), relutante no contato com o pai homofóbico, foi rodado em

Quixadá (Ceará). Na trajetória, o filme, no 76º Festival de Berlim, venceu o Urso de Cristal de melhor filme, além do Grande Prêmio do júri da mostra Generation K-Plus. No Festival de Guadalajara (México) foi considerado o melhor filme e obteve prêmios para os intérpretes centrais. Já no Festival de Gramado, venceu quatro prêmios Kikito: melhor direção, melhor atriz e melhor ator coadjuvante (Lázaro Ramos), além do Prêmio do júri popular. Na conceituada Variety, Yuri Gomes foi apontado como criador de “um jovem personagem inesquecível” (RD).

